



GT 33. Enlaces e emaranhados: antropologia, etnografia e culturas populares

Coordenador(es):

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Cultura Popular: narrativas e interpretações

Debatedor/a: Renata de Sá Gonçalves (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Cultura, Folclore e Patrimônio

Debatedor/a: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Debatedor/a: Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

O grupo visa investigar diferentes construções discursivas nos estudos das culturas populares. Busca alargar nossa compreensão de tais estudos ao refletir sobre os enlaces e emaranhados existente entre literatos, antropólogos, estudiosos do folclore, promotores de festejos e de folguedos e demais agentes que ajudaram a um só tempo a conhecer novas realidades e a produzir visões mais ou menos canônicas a seu respeito. Desde os anos 1980, a experiência etnográfica reconfigurou-se na antropologia com a associação mais crítica da pesquisa de campo a sua resultante apresentação escrita. Questionaram-se hierarquias entre pesquisadores e sujeitos enfocados; reconheceram-se estratégias narrativas e recursos ficcionais nos textos produzidos. Com esse ponto de partida, enfocamos a presença da perspectiva etnográfica nos estudos antropológicos das culturas populares, problematizando seus enquadramentos conceituais - arcaísmo, primitivismo, sobrevivência; cooptação, resistência, resgate; dinâmica, circuito ou patrimônio culturais; conhecimentos e territórios tradicionais, entre outros. Por culturas populares entendemos um ambiente sociocultural heterogêneo com especificidades históricas, regionais, religiosas, étnico-raciais, no qual estão em jogo mediações, inovações e múltiplas redes de relação e trocas culturais, distintas formas rituais e expressivas. Trata-se, entretanto, de focar especialmente os registros documentais e a produção bibliográfica resultante de tais estudos.

Literatura, etnografia e folclorização dos cordões de boi na Amazônia na versão dos intelectuais (1927-1943)

Autoria: Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Este é um estudo sobre trocas entre intelectuais do Norte e do Nordeste, direta ou indiretamente ligados ao estudo do boi bumbá como pauta de pesquisa folclórica promovida por Mário de Andrade. O work analisa obras de literatos baseados no Pará nos anos de 1920 e 1930 dedicadas ao que concebiam como folclore amazônico, bem como cartas trocadas por literatos e músicos situados na Amazônia com Mário de Andrade a partir de sua viagem ao norte do país em 1927 até o ano de 1943. Os literatos e artistas focalizados se concebiam como conectados ao círculo intelectual da capital paraense e assim eram reconhecidos socialmente a partir de publicação de poemas, de ensaios, de composições musicais e do lançamento de coletâneas sobre folclore amazônico (lendas ameríndias, contos do mundo rural, anedotas). O estudo do boi bumbá na Amazônia como manifestação folclórica foi assim promovido, de forma pontual ou ampla, nas publicações de Jorge Hurley, Raymundo Moraes, José Carvalho, Pio Ramos, José Coutinho de Oliveira (presentes na biblioteca de Mário de Andrade), bem como nas composições musicais de José Rodrigues Brandão e nas cartas trocadas por Gastão Vieira, Sérgio Olindense, Bruno de Menezes e Waldemar Henrique



com Mário de Andrade. Na pauta de pesquisa, destacava-se a ideia de que os bumbás da Amazônia se impunham como manifestação folclórica mais primitiva do país. Por isso, o folclorista teria o encargo de salvar a tradição popular pelo congelamento e museificação do passado, recuperando-a como patrimônio histórico. O estudo aqui proposto propõe-se a entender o tratamento do tema do boi bumbá amazônico como folclore, considerando sua oscilação entre dois eixos concernentes à perspectiva ensejada por Mário de Andrade: o uso de registros das canções de cordões de boi para o desenvolvimento da arte erudita nacional e as apresentações de bumbás como objeto de estudo da pesquisa etnográfica, de onde derivariam monografias vinculadas a áreas das ciências humanas. A hipótese guia do estudo é que essa variação só pode ser compreendida a partir do entendimento das relações travadas em espaços de intercâmbio intelectual entre estudiosos interessados nos bumbás amazônicos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: